



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

5814 - Trabalho Completo - XIII Reunião Científica da ANPEd-Sul (2020)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 18 - Gênero, Sexualidade e Educação

DESEMPENHO ESCOLAR, GÊNERO E SEXUALIDADE NO ENSINO MÉDIO E TÉCNICO: PERSPECTIVAS E DESAFIOS

Renata Porcher Scherer - IFSUL - INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA SUL-RIO GRANDENSE

DESEMPENHO ESCOLAR, GÊNERO E SEXUALIDADE NO ENSINO MÉDIO E TÉCNICO: PERSPECTIVAS E DESAFIOS

O presente artigo deriva-se de uma investigação acerca das práticas pedagógicas inclusivas realizadas no âmbito da educação profissional. A compreensão de práticas inclusivas que pauta a presente investigação amplia o olhar para além do público-alvo da educação especial e dirige-se para práticas pedagógicas voltadas para discussões relacionadas a raça, etnia, processos migratórios, gênero e sexualidade. Nesse artigo, preliminarmente, apresentamos um recorte dos resultados parciais da referida pesquisa evidenciando nossas análises voltadas para as práticas inclusivas relacionadas de forma mais específica às questões envolvendo gênero e sexualidade.

Para Antonio Bolívar (2019), um currículo inclusivo precisa estar fundamentado em uma teoria da justiça com base nos princípios da equidade e no reconhecimento das diferenças. Nesse sentido, uma escola justa lutará “contra barreiras culturais, sociais e educativas que estão na base de práticas, dinâmicas e estruturas que empecem a todos de progredir em seu processo de aprendizagem” (BOLÍVAR, 2019, p. 828).

Em análise estatística, relacionada ao desempenho de 3,89 milhões de jovens que realizaram o Exame Nacional do Ensino Médio, no ano de 2018 pode-se verificar que além da desigualdade social marcadores como raça/etnia e gênero também estão relacionados com o desempenho escolar. A matéria jornalística citada, ao analisar as mil melhores notas gaúchas do Enem, aponta que 92,5% são brancos e dos 7,5% que são negros apenas 0,2 são mulheres. Destaca-se ainda que mesmo as mulheres sendo a maioria a prestar o exame, os homens apresentam melhor desempenho acadêmico do que elas. As mulheres apresentam melhor desempenho apenas em redação. Porém, quando o assunto é matemática a diferença chega a 42 pontos.

Frente a esses dados precisamos investigar e problematizar como as questões relacionadas a gênero e sexualidade são abordadas no âmbito do Ensino Médio e Técnico, pois como nos mostra Bolívar (2019) transformar as culturas das escolas, principalmente aquelas com forte tradição seletiva, por comunidades de inclusão exige redesenhar os lugares de trabalho, alterando os papéis e estruturas construindo assim possibilidades para uma

cultura profissional mais colaborativa e modos de organização pedagógica em que todos possam se sentir protagonistas e incluídos.

Para organizar organizamos esse texto em duas partes, além dessa introdução. Na primeira parte apresentamos os estudos que relacionaram gênero e desempenho escolar no Brasil, desde o final do século passado. Na segunda apresentamos uma análise crítica dos Projetos de Ensino realizados no âmbito de uma instituição federal localizada no sul do Brasil e distribuída em quatorze Câmpus no período de 2016 a 2019.

Uma longa trajetória de pesquisas acadêmicas tem se debruçado no Brasil para investigar as relações entre desempenho escolar e gênero. Tal digressão nos ajuda a compreender com tal temática tem sido abordada em diferentes contextos históricos e a apontar caminhos para futuras pesquisas.

Iniciamos nossa revisão com o estudo clássico desenvolvido por Fúlvia Rosemberg (1975), na década de 1970, analisando a escola e as diferenças sexuais. Os dados de Rosemberg apontam para duas tendências relacionadas a escolarização.. A primeira mostra que a taxa de escolarização masculina é superior a feminina. E a segunda aponta para um rendimento escolar superior feminino nos três níveis estudados. A hipótese explorada para explicar tal resultado estaria relacionada a cultura escolar e a um suposto protecionismo feminino. Nas palavras da pesquisadora, “os melhores resultados escolares equivaleriam à melhor respondência da menina a uma única expectativa social” (ROSEMBERG, 1975, p. 84).

Na década de 1990 temos outro estudo clássico sobre a temática. A tese de doutorado defendida por Gilda Silva no ano de 1993 buscou mostrar como a “cultura atua na escola como um fator interveniente das situações de classe e gênero” (SILVA, 1993, p. 3). Nas suas conclusões Silva aponta que, no Brasil, pertencer ao gênero feminino aumentava as chances da pessoa ir para escola e nela permanecer por mais tempo.

Realizando um salto na nossa revisão sobre os estudos de desempenho escolar a partir de um recorte de gênero nos direcionamos para os trabalhos realizados nos anos 2000 que começam a questionar em suas análises a compreensão de que os meninos fracassariam mais que as meninas na escola devido a uma cultura escolar que valorizaria atitudes compreendidas como femininas como, por exemplo: respeito a autoridade e passividade. Outro destaque para os trabalhos desse período refere-se a interseccionalidade, pois as pesquisadoras analisaram a questão do desempenho escolar olhando para as variáveis de gênero, classe e raça/etnia. O trabalho desenvolvido por Thaís Palomino (2004) ao buscar descrever como os meninos e meninas de uma escola de periferia vivem sua escolaridade mostrou que os meninos seguem apresentando um maior nível de reprovação e apresentam os mais altos índices de defasagem. Com relação aos afrodescendentes a pesquisadora aponta que esses haviam sido mais reprovados que os brancos.

No sul do país a pesquisa desenvolvida por Maria Cláudia Dal`Igna ao analisar os modos pelos quais o gênero atravessa e constitui o discurso pedagógico definindo e regulando o que se entende por desempenho escolar também merece nossa atenção. O estudo mostra que o discurso pedagógico é mobilizado pelas professoras para justificar a neutralidade e imparcialidade do processo de definição do desempenho escolar de meninos e meninas. Nas palavras da pesquisadora: “na medida em que as normas não são problematizadas, elas funcionam para produzir e reiterar noções de masculinidade e feminilidade” (DAL`IGNA, 2007, p.248).

Para encaminharmos a finalização dessa revisão, importa destacar os estudos desenvolvidos pela pesquisadora Marília Pinto de Carvalho (2001; 2004). Carvalho (2001, p.

274) ao analisar os processos que têm conduzido um número maior de meninos do que meninas e ainda, um maior número de meninos negros que brancos a obter notas baixas e conceitos negativos explicita que, pelo menos no ambiente escolar, parece que “a identidade racial das crianças seria construída tendo como referência não apenas características fenotípicas e status socioeconômico, mas também seu desempenho escolar”. A pesquisadora também identificou que as professoras ao descreverem o desempenho dos estudantes recorriam a fortes padrões pré-estabelecidos relacionados a questões de gênero. Como forma de exemplificar podemos analisar como as professoras no estudo desenvolvido descreviam a noção de apatias dos estudantes que apresentavam dificuldades de aprendizagem. Enquanto para as meninas a apatia era “decorrente do excesso de submissão e obediência” para os meninos era sinônimo de “desleixo, descompromisso e desinteresse” (CARVALHO, 2004, p. 565). Ainda sobre o desempenho acadêmico dos alunos, Carvalho (2004, p. 561) observa que se encaixavam no perfil de excelente aluno um pequeno número de alunas descritas como questionadoras e “um grupo significativo de meninos, quase todos vistos como brancos ou brancas pelas professoras”.

Como foi possível observar nessa breve revisão com relação aos estudos realizados no Brasil sobre desempenho escolar cotejando, com as variáveis de classe social, raça/etnia e gênero, muitos são os desafios para pensarmos a construção de uma educação de qualidade para todos. O que pode ser apontado como consenso nas diferentes pesquisas aqui descritas refere-se à necessidade de os espaços educacionais discutirem tais temáticas para então compreenderem como nossas crenças sobre diferentes dimensões sociais estão relacionadas com o nosso processo de avaliar. Como nos ensina Philippe Perrenoud (1993, p.23) na construção da relação pedagógica entre professor e aluno a racionalidade é apenas ilusória. Na compreensão do pedagogo seria inevitável “uma erupção de valores, de subjetividade, afetividade”. Nesse sentido, reafirma-se a necessidade de repensarmos coletivamente nossa responsabilidade como professores e professoras com relação aos nossos preconceitos, nossos valores e nossas predisposições adquiridos nos diferentes processos de socialização que estão presentes no cotidiano da vida escolar. Assim passamos para a segunda parte do nosso artigo onde analisamos diferentes Projetos de Ensino voltados para alunos do Ensino Médio e Técnico.

De acordo com informações disponibilizadas no *site* oficial da instituição aqui analisada, os Projetos de Ensino (PE) consistem em atividades com foco no desenvolvimento educacional que visam à reflexão e à melhoria dos processos de ensino e de aprendizagem. Assim, tais projetos caracterizam-se pelo desenvolvimento de atividades complementares e aprofundamento ao currículo. Nesse artigo analisamos os projetos cadastrados nessa instituição de ensino realizados nos últimos quatro anos com foco nas discussões de gênero e sexualidade. Na tabela 1 apresentamos de forma quantitativa o total de PE cadastrados em cada ano e quantos tiveram como foco discussões relacionadas a gênero e sexualidade. Em um segundo momento, dividimos esses PE em categorias temáticas como é possível observar na tabela 2.

Ano	Número total de projetos cadastrados	Número de projetos envolvendo as temáticas de gênero e sexualidade
2016	54	2
2017	55	6
2018	270	9
2019	233	4

Categoria temática	Número de projetos
Feminismo	9
Diversidade sexual/sexualidade	10
Prevenção HIV	1
Masculinidades	1

Tabela 2- Projetos de Ensino separados por categorias analíticas

Como é possível observar dos 612 Projetos de ensino cadastrados na instituição analisada, apenas 21 tiveram como foco desenvolver o estudo e/ou a conscientização da comunidade escolar com relação às temáticas de gênero e sexualidade, perfazendo 3,4% dos PE cadastrados. Desses 21 PE selecionados, sua grande maioria buscou discutir as temáticas envolvendo o feminismo ou as questões de diversidade sexual e/ou sexualidade. Também se observou um projeto com foco na discussão sobre masculinidade e um como foco na prevenção do HIV. Nas análises dos resumos de cada projeto é possível ainda destacar uma forte ligação das discussões realizadas a tais temáticas com datas específicas. Assim, os PE que tiveram como foco discussões relacionadas ao feminismo em sua grande maioria ocorreram no mês de março dirigindo-se ao dia internacional da mulher. As discussões relacionadas à diversidade sexual e sexualidade também parecem ter relações com datas como o dia mundial de combate a homofobia. Com tais apontamentos não questionamos a legitimidade de tais debates ou a importância dessas datas em nossos calendários, o que chama a atenção é que tal organização didática e pedagógica pode estar esvaziando um debate tão importante para a cultura escolar.

Parece ser consenso entre os pesquisadores/as da área do gênero e da sexualidade que os currículos escolares seguem com marcas de sexismo, machismo, misoginia e heteronormatividade (Daniela AUD, 2004; Anderson FERRARI, 2007; Guacira LOURO, 2001). Como explicam Dagmar Meyer e Rosângela Soares (2008, p.11), professoras e professores apresentam a tendência de se apoiar em normatividades quando se deparam com questões de gênero de sexualidade assim suas ações nesse campo “são balizadas por saberes que, supostamente, permitem classificar e diferenciar ‘com certeza’ o que é normal e o que é desviante”. Nesse sentido, Guacira Louro (2015, p. 70) afirma que “não há lugar, no currículo, para a ideia de multiplicidade (de sexualidade ou de gênero) - essa é uma ideia insuportável. E o é, entre outras razões, porque aquele/a que a admite pode ser tomado como particularmente implicado na multiplicidade”.

Considerando que o objetivo desse texto é apresentar os resultados parciais da pesquisa já citada nesse momento optamos por visibilizar recortes dos resumos das duas principais categorias temáticas, aquelas que tiveram maior quantidade de PE cadastrados, para após encaminharmos algumas conclusões e direcionamentos futuros da pesquisa. Na categoria temática diversidade sexual e/ou sexualidade destaca-se como recorrente na análise dos resumos o foco na conscientização da comunidade objetivando respeito e tolerância, como pode-se ver nos excertos que trazemos a seguir: “na perspectiva que o docente pode vir a ser grande promotor da vivência da *tolerância* na diversidade” (PE 2- 2017); “*eliminação das discriminações* que as atingem” (PE 4- 2017); “desenvolver a *capacidade de convívio*

com a diferença, afastando-se de preconceito e opressão” (PE 3- 2018); “criar um momento propício de reflexão sobre *respeito* à dignidade das pessoas” (PE 4- 2018); “Ações, estas, que visam *combater a intolerância*, o preconceito e formas variadas de violência no contexto de vida dos estudantes” (PE 5- 2018); “com vistas à construção de um ambiente de maior *tolerância e respeito à diversidade*” (PE 6- 2018).

Com relação a esse conjunto de excertos importa destacar a importância do debate dessa temática no ambiente escolar, pois como aponta Nilson Inis (2008), mesmo que a educação nas últimas décadas tenha ampliado seu sentido para um espaço de cidadania e respeito aos direitos humanos produzindo a discussão do tema da inclusão de grupos minoritários ampliando-se estudos sobre a exclusão das mulheres, por exemplo. Segue-se um silenciamento sobre práticas educacionais acerca do tema da diversidade sexual. Nesse sentido, tais projetos ao trazerem tais temáticas para o interior do espaço escolar apresentam avanços importantes e constituem-se como espaços de resistência. Todavia, tais projetos parecem carecer de um debate mais profundo no que se refere a experimentação de novas linguagens e possibilidades relacionadas a tais temáticas como explica Inis (2008, p. 488): “discutir novas políticas de inclusão das minorias sexuais e de gênero exige, por parte das/dos educadoras/es, uma experimentação de novas formas do uso da linguagem que possam produzir resistência a padrões sexistas ou homofóbicos”.

Na categoria temática denominada feminismo destacam-se PE que tiveram como foco ampliar discussões sobre o empoderamento das mulheres com base no conhecimento da história do feminismo e de conceitos clássicos ligados a esse tema, também se observou a recorrência em três projetos que buscaram articular as discussões relacionadas ao feminismo negro. Destacamos a seguir excertos dos resumos desses projetos para seguirmos nossas análises: “conhecer a história e atuação dos movimentos sociais que procuraram conquistar e *defender direitos para as mulheres*; esclarecer os conceitos envolvidos nesse debate” (PE 1- 2016); “O projeto pretende estudar e debater *temas relacionados ao feminismo*” (PE 3 - 2017); “ampliar o debate sobre os papéis sociais e identitários atribuídos ao feminino e as *conquistas e lutas das mulheres* por garantias de direitos no espaço social e privado ao longo da história” (PE 1- 2018); “serão abordados *aspectos de teorias feministas* desenvolvidas por *intelectuais negras*.” (PE 2- 2019).

Uma das principais contribuições dos estudos feministas deriva-se do seu caráter político. Para Louro (2014, p. 23) as pesquisadoras feministas assumiram “que as questões eram interessadas, que elas tinham origem numa trajetória específica que construiu o lugar social das mulheres e que o estudo de tais questões tinha (e tem) pretensão de mudanças”. Nesse sentido cabe ressaltar a importância do desenvolvimento de tais projetos e o quanto tais discussões seguem inspiradas nas conquistas feministas e na busca de mudanças especialmente nas discussões relacionadas aos processos de escolarização e ao mercado de trabalho.

Para concluir esse texto lançamos como questionamento o silenciamento do debate relacionado às questões de desempenho escolar e gênero. Acreditamos que tal dimensão precisa ser considerada especialmente no âmbito da formação de nível técnico e médio trazendo mais elementos para problematizar o desempenho de nossos jovens e o quanto nossas crenças relacionadas a gênero e sexualidade podem estar produzindo efeitos nas dimensões acadêmicas de nossos estudantes. Como nos provocam a pensar Michele Vasconcelos e Fernando Seffner (2015) enquanto “o gênero funcionar como um vetor de subjetivação colado a determinadas formas masculinas e femininas, se permanecerá discutindo, descrevendo e reificando – inclusive nas pesquisas – papéis e funções de homens e mulheres” (VASCONCELOS; SEFFNER, 2015, p. 264). Em nossas análises, ainda iniciais, indicamos que nos projetos apresentados no texto, gênero e sexualidade parecem assumir

uma característica de panfleto perdendo seu potencial como ferramenta de luta por uma educação de qualidade para todos e todas.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Escolar. Educação Profissional. Gênero. Sexualidade.

REFERÊNCIAS

AUAD, Daniela. **Relações de gênero nas práticas escolares e a construção de um projeto de co-educação.** In: Anais do 27^a. Reunião da ANPED, Caxambu - MG, 2004.

CARVALHO, Marília Pinto de. Mau aluno, boa aluna? Como as professoras avaliam meninos e meninas. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 554-574, 2001.

_____. O fracasso escolar de meninos e meninas: articulações entre gênero e cor/raça. **Cadernos Pagu**, Campinas/SP, v. 22, pp. 247-290, 2004.

DAL'IGNA, Maria Cláudia. Desempenho escolar de meninos e meninas: há diferença? **Educação em Revista**, 46, 241-267, 2007.

FERRARI, Anderson. "O que é loba??? É um jogo sinistro, só para quem for homem..." - gênero e sexualidade no contexto escolar In: Anais do 30^a. Reunião da ANPED, Caxambu - MG, 2007.

INIS, Nilson Fernandes. Educação, relações de gênero e diversidade sexual. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 29, n. 103, p. 477-492, 2008.

LOURO, Guacira Lopes. Teoria queer: uma política pós-identitária para a educação. **Revista Estudos Feministas**, vol.9, n.2, p.541-553, 2001.

_____. **Gênero, sexualidade e educação:** uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 2014.

_____. **Um corpo estranho:** ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

MEYER, Dagmar. SOARES, Rosângela. **Corpo, gênero e sexualidade nas práticas escolares:** um início de reflexão. In: _____. (orgs.) **Corpo, gênero e sexualidade.** Porto Alegre: Mediação, 2008.

PALOMINO, Thaís Juliana. **Meninos e meninas em escola de periferia urbana:** a relação entre fracasso escolar e sexo, cor e organização familiar. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de São Carlos, São Carlos/SP, 2004.

PERRENOUD, Philippe. **Práticas pedagógicas, profissão docente e formação:** perspectivas sociológicas. Lisboa, Dom Quixote/ Instituto de Inovação Educacional, 1993.

ROSEMBERG, Fúlvia. A escola e as diferenças sexuais. **Cadernos de Pesquisa.** São Paulo, n. 15, 1975.

SILVA, Gilda Olinto do Valle. **Reprodução de classe e reprodução de gênero através da cultura.** 1993. Tese (Doutorado em Comunicação) - Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1993.

VASCONCELOS, Michele de Freitas Faria de; SEFFNER, Fernando. A pedagogia das políticas públicas de saúde: norma e fricções de gênero na feitura de corpos. **Cadernos Pagu**,

